

CAPÍTULO I

O DESMANTELAMENTO DA NOÇÃO DE IDENTIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

[...] Mas a descoberta de que a identidade é um monte de problemas, e não uma campanha de tema único, é um aspecto que compartilho com um número muito maior de pessoas, praticamente com todos os homens e mulheres da nossa era 'líquido-moderna'.

Zygmunt Bauman

Já não é algo novo a afirmativa de que vivemos em uma época marcada por modificações expressivas no âmbito social e cultural. Tais transformações acontecem em uma velocidade exacerbada, fazendo com que novos paradigmas sejam estabelecidos e descartados quase que simultaneamente. O mundo foi abreviado, fazendo com que tudo pareça estar ao alcance em tempo real.

Dois elementos atingidos por essa “nova velocidade” são o tempo e o espaço; por conta do embaralhamento das fronteiras atemporais em relação à rapidez aguçada imposta pelos embalos da “era moderna”, o tempo se sintetizou a instantes simultâneos e de acordo com Zygmunt Bauman (1999) “[...] o que quer que se mova a uma velocidade aproximada à do sinal eletrônico é praticamente livre de restrições relacionadas ao território de onde partiu, ao qual se dirige ou que se atravessa [...] (BAUMAN, 1999, p.63)”. Sendo assim, questões como “[...] o espaço e os delimitadores de espaço deixam de se importar [...]” (BAUMAN, 1999, p.20), rompendo com as oposições entre “dentro” e “fora”, “aqui” e “lá”, “perto” e “longe”, essas concepções de distâncias perderam seus significados. As fronteiras espaço-temporais se diluíram e o instantâneo se tornou prioritário. Na introdução do seu livro “*Globalização: as consequências humanas*”, Bauman nos adianta sobre a “compressão tempo/espaço” que para ele tal declaração

[...] encerra a multifacetada transformação em curso dos parâmetros da condição humana. Assim que examinarmos as causas e consequências sociais dessa compressão, ficará evidente que os processos globalizadores não têm a unidade de efeitos que se supõe comumente. Os usos do tempo e do espaço são acentuadamente diferenciados e diferenciadores. (BAUMAN, 1999, p. 6-7).

Devido aos “efeitos” da globalização acentuados por Bauman (1999) como a “nova desordem mundial”, houve uma “compressão” do tempo e do espaço, mencionada anteriormente. A ideia de ordem está relacionada com o conceito “estar no controle”. Entretanto, com os tempos atuais regidos pela transitoriedade, a incerteza

prevalece, e assim como o capital, o controle não possui morada fixa. Bauman nos afiança que “[...] a imagem da desordem global reflete, antes, a nova consciência [...] da natureza essencialmente elementar e contingente das coisas que anteriormente pareciam tão firmemente controladas ou pelo menos ‘tecnicamente controláveis’(BAUMAN, 1999, p.64)”. De acordo com Bauman, esse descontrole está relacionado à sensação das “coisas fugindo ao controle”, preenchida pelo termo *globalização*, com o sentido “[...] de caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. (BAUMAN, 1999, p.66)”.

A globalização provocou um grande impacto sobre a identidade cultural do sujeito que se vê cercado por um mundo veloz e ao mesmo tempo compactado. O que era eterno se restringiu a meros instantes, tudo se tornou transitório e provisório, assim como sua identidade, sua representação social. O mundo foi abreviado e é constituído pela junção de pequenos acontecimentos isolados, como Bauman já nos assegura que “[...] em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados [...]. (BAUMAN, 2005, p.18-19)”.

O indivíduo contemporâneo vê refletido o desmantelamento do mundo social em seu “eu interior”. Tal situação o deixa num permanente estado de dúvida e confusão, e o instiga a buscar alguma forma de pertencimento, de enraizamento social e individual numa época em que os referenciais da modernidade foram abalados e fissurados. Essa investigação a procura de um “eu” é circundada de exclusão, gerada pela ideia de estar “dentro” ou “fora”, “ser” ou “não ser”, visto que o indivíduo acredita ainda ser necessário enquadrar-se a conceitos pré-estabelecidos. Esse desconhecimento em relação ao seu real pertencimento abala a investigação do indivíduo acerca de sua identidade, e com isso Bauman nos declara que seja necessário nos tornar

[...] conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não tem solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. Em outras palavras, a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (BAUMAN, 2005, p.17-18).

Essa incessante procura por uma demarcação da identidade do indivíduo é uma tarefa fadada ao fracasso, posto que, esse processo significativo é erigido aos poucos, e graças às incertezas da contemporaneidade, frutos da transitoriedade vivenciada, dificulta o trabalho de uma construção identitária. Assim Bauman (2005) coloca que

[...] a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protege-la lutando ainda mais - mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

Para elucidar o que afirmamos acerca da busca por uma identidade “fixa e completa”, podemos visualizar, por intermédio das implicações da modernidade tardia, que na sociedade em que vivemos as identidades sociais, culturais e sexuais “[...] ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas [...]. (BAUMAN, 2005, p. 35)”. Com esse “beco sem saída” previsto pela tentativa de “solidificar” essas identidades, Bauman (2005) evidencia que com

[...] o mundo se movendo em alta velocidade e em constante aceleração, você não pode mais confiar na pretensa utilidade dessas estruturas de referência com base na sua suposta durabilidade (para não dizer atemporalidade!). Na verdade, você não confia nelas nem precisa delas. Essas estruturas não incluem facilmente novos conteúdos. Logo se mostrariam muito desconfortáveis e incontroláveis para acomodar todas as identidades novas, inexploradas e não-experimentadas que se encontram tentadoramente ao nosso alcance, cada qual oferecendo benefícios emocionantes, pois desconhecidos e promissores, pois até agora não-depreciados. Rígidas e pegajosas, também é difícil livrar essas estruturas dos velhos conteúdos quando chega a sua “data de validade”. No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam. (BAUMAN, 2005, p. 33).

Em nossa época “líquido-moderna”, “estar fixo” é algo complexo, visto que a busca por uma identidade parece uma alternativa inviável. Num cenário no qual as referências estão em constante “movimento”, mesmo os ambientes com tradicional sentimento de pertencimento (família, trabalho, vizinhança) não completam o “vazio” em que o sujeito contemporâneo se encontra e procura solucioná-lo. Devido a esse fator há uma grande demanda pelas denominadas “comunidades guarda-roupas” bem quistas nesses períodos de transitoriedade, uma vez que

[...] são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides. Suas vantagens em relação à “coisa genuína” são precisamente a curta duração de seu ciclo de vida e a precariedade do compromisso necessário para ingressar nelas e (embora por breve tempo) aproveitá-las. Mas elas diferem da sonhada comunidade calorosa e solidária da mesma forma que as cópias em massa vendidas nas lojas de departamentos diferem dos originais produzidos pela alta-costura. (BAUMAN, 2005, p. 37).

O indivíduo se utiliza de uma “máscara”, ou melhor, de uma “identidade” temporária, para que por alguns instantes ele possa criar uma noção de pertencimento. Criam-se vínculos afetivos aparentes, dado que a contemporaneidade enfraqueceu as relações, e estas agora se dão mais virtualmente do que de outra maneira.

A noção de máscara aqui é relevante, uma vez que para Michel Maffesoli (2004), o contemporâneo acabou por enfraquecer a própria noção de indivíduo, substituindo tal terminologia pelo vocábulo teatral “persona”, um termo deveras adequado, uma vez que é possível evidenciar a sucessão de máscaras e disfarces que os participantes da vida cotidiana atual se valem. Conforme Maffesoli, a acepção de

[...] indivíduo [...] já não parece aceitável. Pelo menos, não em seu sentido estrito. Talvez conviesse falar, no que tange à pós-modernidade, numa pessoa (“persona”) que desempenha diversos papéis no seio das tribos a que adere. A identidade se fragiliza. As identificações múltiplas, ao contrário, multiplicam-se [...]. (MAFFESOLI, 2004, p.26)

O descentramento do indivíduo e a fragmentação identitária são assuntos tratados por Stuart Hall (2006), e se caracterizam pela consequência da soma das mudanças sociais e pessoais que o indivíduo foi submetido, isto é, o indivíduo se deslocou, e esse descentramento social, cultural e pessoal é o que compõe o processo de tensão identitária. Na opinião de Hall, qualquer tentativa de

[...] mapear a história da noção de sujeito moderno é um exercício extremamente difícil. A ideia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a história do sujeito moderno [...] esta formulação simples tem a vantagem de me possibilitar [...] esboçar um quadro aproximado de como, de acordo com as proponentes da visão do descentramento, a conceptualização do sujeito moderno mudou em três pontos estratégicos, durante a modernidade. Essas mudanças sublinham a afirmação básica de que as conceptualizações do sujeito mudam e, portanto, tem uma história [...]. (HALL, 2006, p. 24).

No seu livro *A Identidade Cultural na pós-modernidade*, Hall (2006) expõe três concepções de identidade: *sujeito do Iluminismo*, *sujeito sociológico* e *sujeito pós-moderno*. O sujeito do Iluminismo era unificado, dotado da razão, seu cerne interior é

considerado como “centro”, e com esta visão “individualista” o parâmetro era a identidade de uma pessoa. Contrapondo esse entendimento, o sujeito sociológico necessitava de amparos em valores de cunho social no qual Hall (2006, p. 11) afirma que “[...] era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’ [...]”. A identidade nesse caso era estabelecida com a relação entre o eu e o social. Na terceira concepção, temos o indivíduo tipicamente pós-moderno, fragmentado e descentrado por excelência. Para Hall:

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão ‘mudando’. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 12).

Esse sujeito pós-moderno, que se torna o indivíduo descentrado e transeunte da modernidade líquida aludida por Bauman, parece não se encaixar em espaço algum, recorrendo as incessantes buscas por suas identidades “perdidas”, considerando que seja preciso ser algo para conseguir pertencer a algum lugar. Bauman (2005) nos assegura que:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa vida, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente [...]. (BAUMAN, 2005, p.19).

Essa questão da identidade também tem proporcionado subsídios para o campo de pesquisa não só de viés sociológico, mas também vinculado aos domínios da linguagem. Um teórico que tem se dedicado aos estudos das incertezas da linguagem é Jacques Derrida, um dos mais significativos filósofos do pós-estruturalismo francês.

Para Derrida (1973), tanto identidade quanto alteridade são processos resultantes de atos de criação linguística que vão se formando no contexto das relações culturais. Assim sendo, a noção de identidade não pode ser compreendida fora dos sistemas

discursivos e simbólicos que lhes atribuem significação. Nesse ponto, a teoria contemporânea – e, sobretudo, o pós-estruturalismo e os debates travados nos últimos trinta anos – tem focado a linguagem como uma estrutura instável e vacilante, marcada por uma série de infiltrações.

Nesse campo de debates acerca da indeterminação da linguagem causada por uma série de fissuras, Derrida procura demonstrar que tal indefinição estaria atrelada a uma característica fundamental presente no signo. De fato, o autor alerta que “[...] o problema da linguagem nunca foi apenas um problema entre outros” (DERRIDA, 1973, p.7), mas sim, travado nas esferas da sua significação. Enxergada agora como uma “estrutura instável”,

[...] a linguagem mesma acha-se ameaçada em sua vida, desamparada, sem amarras por não ter mais limites, devolvida à sua própria finitude no momento exato em que seus limites parecem apagar-se, no momento exato em que o significado infinito que parecia excedê-la deixa de tranquilizá-la a respeito de si mesma, de contê-la e da cercá-la [...]. (DERRIDA, 1973, p.7).

Desmontando a teoria rígida proposta por Saussure, aquela que postula que o signo é uma “coisa” ou um “conceito”, Derrida sobrepõe a noção de “traço”, ou seja, qualquer signo carrega não apenas o traço do que ele substituiu, mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, a sua diferença. Para Derrida, o signo é algo mais flexível, permitindo um campo maior de sentido, uma vez que não é dado como fechado por uma significação pronta e acabada, pois precisa de um suplemento para sua significação que nunca se completa, trazendo

[...] consigo todos os significados tranquilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos do fora-do-jogo que vigiavam o campo da linguagem. Isso equivale, com todo o rigor a destruir o conceito de ‘signo’ e toda a sua lógica. Não é por acaso que esse *transbordamento* sobrevém no momento em que a extensão do conceito de linguagem apaga todos os seus limites. (DERRIDA, 1973, p.8).

Ora, conforme afirma Derrida, nenhum signo pode ser reduzido a si mesmo, uma vez que seu significado é constantemente adiado e marcado pela diferença relativa a outros signos. Devido a essa fenda em que o signo admite novas acepções, não se atendo somente em uma exclusiva instância, Derrida cunha o termo *différence*. Definir esse termo como palavra ou conceito, limitaria a sua significação, sendo assim, nos é colocado como um:

Neografismo produzido a partir da introdução da letra *a* na escrita da palavra *différence*. A *différance* não é ‘nem um conceito, nem uma palavra’, funciona como ‘foco de cruzamento histórico e sistemático’ reunindo um *feixe* diferentes linhas de significado ou de forças, podendo sempre aliciar outras, construindo uma rede cuja tessitura será impossível interromper ou nela traçar uma margem [...] tem como etimologia o verbo latino *differre*, que encerra duas significações distintas. Diferir significa ‘recorrer consciente ou inconscientemente à mediação temporal e temporalizadora de um desvio’... O outro sentido de diferir é o de não ser idêntico, ser outro, discernível. *Différance* remete ao mesmo tempo para o diferir como *temporalização* e para diferir como espaçamento ... A *différance* seria, pois, o movimento do jogo que produz as diferenças, os efeitos de diferença. A *différance* não é mais simplesmente um conceito, mas a possibilidade de conceitualidade, do processo e do sistema conceitual em geral [...] (SANTIAGO, 1976 *apud* OTTONI, 2000, p.47- 48).

Desse modo, se a linguagem que constitui o indivíduo e o signo não é dada como uma estrutura fechada, mas sempre aberta a complementos, a própria identidade já não pode ser pensada também como algo complementado e acabado. Assim sendo, as formulações propostas por Derrida acabam por demonstrar que os indivíduos são condicionados por uma estrutura de linguagem vacilante, marcada por significados culturais relativos. Desse modo, se a noção de significado é marcada pelo adiamento indefinido e subordinada a um sistema regido pela diferença, isso só demonstra que o processo de significação é algo indeterminado e vacilante. Dessa forma, essa instabilidade da linguagem fornece subsídios teóricos relevantes para se pensar nas questões da identidade e da alteridade submetidas às tensões e fissuras impostas pelo contemporâneo. De fato, numa linguagem estigmatizada por significados movediços, a noção de identidade também se torna tão instável e deslizante, tanto quanto a linguagem da qual depende.

Na esteira das formulações de Derrida, Homi Bhabha (1998) articula a noção de identidade como “produção”, uma vez que está construção permanente. Bhabha nos certifica que “[...] para a identificação, a identidade nunca é um *a priori*, nem um produto acabado, ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade [...] (BHABHA, 1998, p.85)”.

As constantes transformações ocorridas no último século, dentre elas o questionamento identitário, influenciaram decisivamente no caráter dispersivo que acomete o indivíduo. Se seguirmos neste ponto de vista, os conceitos de *identidade* e de *diferença* tendem a ser naturalizados devido aos seus aspectos em relação aos fatos sociais. Os termos referidos são autossuficientes e estabelecem uma relação de dependência ocultada pelas afirmações de identidade. Ser algo implica em não ser, isto é, ao afirmar ser alguma coisa, subentende-se que há a negação de ser outra, que por sua

vez implica na diferenciação de outras, dependemos do social para nos estabelecer “superficialmente”. As afirmações de identidade só são necessárias por conta do mundo diversificado em que vivemos, carecendo afiançar o que somos, uma vez que o outro não é igual a nós. De acordo com Bhabha (1998):

[...] a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *autocumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser *para* um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação [...] é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem [...]. (BHABHA, 1998, p. 77).

As posições discursivas assumidas pelas questões de identidade no texto refletem no que imagem construída deseja transmitir para o Outro. Para Bhabha (1998) a denominação de “perspectiva de profundidade” nas alocações pós-estruturalistas se dá por intermédio da legitimidade identitária representada por translações vítreas do espelho e suas narrativas realistas. A cristalinidade de tais narrações se estabelece por intermédio da passagem da “[...] identidade do campo de visão para o espaço da escrita põe em questão a terceira dimensão que dá profundidade à representação do Eu e do Outro [...]” (BHABHA, 1998, p.81). Tal processo é denominado “dimensão profunda geológica da significação” no qual é consagrada pela retenção do signo linguístico em sua postulação alegórica. Assim,

[...] o espaço bilateral da consciência simbólica, escreve Barthes, privilegia massivamente a *semelhança*, constrói uma relação *analógica* entre significante e significado que ignora a questão da forma e cria uma dimensão vertical dentro do signo. Neste esquema, o significante é sempre pré-determinado pelo significado - aquele espaço conceitual ou real que é colocado anteriormente e de fora do ato da significação. (BHABHA, 1998, p.81-82).

Por não serem frutos de um mundo social e cultural, podemos afirmar que os conceitos de *identidade* e de *diferença* são resultantes de uma produção linguística, isto é, são criados por intermédio do processo da linguagem considerada “um sistema de diferenças”. Para compreendermos sentidos de *identidade* e de *diferença* precisamos dos sistemas de significação, que por sua vez são instáveis. No âmbito cultural contemporâneo tais conceitos estão relacionados com a *representação*, pensada como um sistema de significação, possibilitando assim, que *identidade* e *diferença* adquiram sentido. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva,

[...] a representação é concebida como um sistema de significação, mas descartam-se os pressupostos realistas e miméticos associados com sua concepção filosófica clássica. Trata-se de uma representação *pós-estruturalista*. Isso significa, primeiramente, que se rejeitam, sobretudo, quaisquer conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica. No registro pós-estruturalista, a representação é concebida unicamente em sua dimensão de significante, isto é, como sistema de signos, como pura marca material. A representação expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral. A representação não é, nessa concepção, nunca, representação mental ou interior. A representação é aqui, sempre marca ou traço visível, exterior. (SILVA, 2000, p.).

Durante o processo de afirmação de identidade e de diferença há sempre as concepções de inclusão e exclusão, visto que estão estreitamente conectadas. Com o advento da contemporaneidade, a identidade tem adquirido um caráter móvel, e em relação a esse fator propomos uma análise acerca da representação identitária do personagem Maíquel no romance *O Matador*, publicado em 1995 por Patrícia Melo. Uma obra que radiografa a sociedade brasileira contemporânea, individualista e transitória, marcada por relações sociais e pessoais enfraquecidas, e apresentando um narrador que se comporta como uma persona em conflito permanente com a pretensa ordem de um meio repleto de incertezas e marcado por incontáveis surtos de violência.

CAPÍTULO II

A CONSTRUÇÃO DAS MÚLTIPLAS SUBJETIVIDADES DO MATADOR MÁIQUEL

Até matar o primeiro cara a gente pensa que existe essa história de aprender a matar. Aprender a matar é como aprender morrer, um dia você morre e pronto. Ninguém aprende a matar. Isso é conversa furada de tira. Todo mundo nasce sabendo. Se você tem arma na mão, é isso, você sabe tudo.

Patrícia Melo

2.1 O matador e seus conflitos

A obra *O Matador*, publicada em 1995, é o segundo romance da escritora paulista Patrícia Melo. É dividido em duas partes, compostas de quarenta capítulos, apenas enumerados, com foco narrativo na primeira pessoa do singular. As personagens são retratadas como componentes dos moldes fragmentados de uma sociedade contemporânea (pós-moderna/ líquido moderna) por excelência, envoltos pela violência, o caos e as angústias que se moldam os inconscientes coletivos das cidades brasileiras. São personagens confusas em meio à transitoriedade da contemporaneidade. Sem parâmetros fixos, essas personalidades se encontram em uma busca incessante por suas identidades e referências. Nesse ponto, Bauman (2005) nos afiança que “[...] quando a identidade perde as âncoras *sociais* que faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos [...]”. (BAUMAN, 2005, p.30)”.

As personagens são retratadas em seu próprio espaço suburbano, meio periférico que reflete suas vidas “triviais” dentro do Brasil contemporâneo. Em relação aos personagens Schollhammer (2009) coloca que “[...] seu conteúdo se dilui a medida que simplesmente terminam por ser retratados como meros portadores de uma realidade de absoluta desumanidade, perdendo, assim, profundidade diante dessa proibição fundadora que os faz ‘pessoas’ [...]” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 43)”. O personagem que ganha destaque na obra é MáiqueL, descrito na visão de Schollhammer como um

[...] jovem suburbano de São Paulo, que se torna um matador de aluguel, um justiceiro pago para exterminar os desafetos da alta sociedade paulista [...] assumindo a posição de carrasco informal, com direito à vida fácil e proteção da polícia, ao fim, o personagem acaba sendo absorvido pelo processo de banalização da violência que finalmente o leva à autodestruição [...]. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.42).

A obra é estruturada com base nos relatos desse narrador-personagem que nos indica em sua frase inicial que “tudo começou quando eu perdi uma aposta [...]”.

(MELO, 2009, p. 9)”; e na sequência começamos a nos tornar cúmplices de sua história. Máiquel nos revela seus anseios, pensamentos torturantes, e principalmente as suas novas acepções em torno de sua identidade. Após o assassinato de Suel, Máiquel ganha visibilidade, deixa de ser o simples vendedor de carros e torcedor do São Paulo e se configura como um justiceiro de sua comunidade: “[...] eu era um assassino, um filho da puta, eu matei um homem sem motivo, deixei aquela garota sozinha, chorando sobre o cadáver do namorado. (MELO, 2009, p. 26)”.

A construção do “eu identitário” do narrador é influenciada, além de suas atitudes, pelas pessoas que cruzam seu caminho. Nesse ponto, duas mulheres suburbanas, com quem o narrador estabelece laços, são determinantes no seu processo de reconfiguração subjetiva. A primeira delas é Cledir, a qual Máiquel a conhece em sua ida ao Mappin, enquanto compra roupas novas para compor o seu novo visual, após ficar loiro para cumprir a aposta feita com seu primo Robinson. Cledir é uma moça trabalhadora, simples, de boa família e índole satisfatória aos olhos desse narrador. A moça é outra personagem do meio periférico, vivenciando com a mãe as mazelas sociais da contemporaneidade. Para Máiquel, Cledir é uma moça para se casar. Contudo, no dia combinado para pedi-la em casamento, Máiquel se dá conta que não é o homem certo para a moça, e em meio à conversa, julga não ser capaz de se unir em matrimônio, e suas incompletudes e questionamentos interiores vêm à tona, expondo aquilo que ele define como “meus buracos”:

[...] Cledir preparou o terreno, era só eu entrar com o trator. Mas alguma coisa não estava funcionando direito, eu não conseguia falar, elas arregalaram os olhos. Aquela moça que estava na minha frente era uma moça para se amar, era sorte na minha vida, e aquele homem era eu mesmo, um sujeito de sorte. Então, qual é a sua, cara? Faça logo o que tem que ser feito, eu pensava. Eu queria pedir em casamento, mas meus olhos grudaram no quadro que estava ao lado da janela [...] As duas me olhavam, duas mulheres decentes, de mãos dadas, a casa cheirando a cera, os móveis sem pó, as camas arrumadas, o bolo de chocolate, as duas cervejas, as panelas lavadas, os armários de fórmica, comecei a chorar ali mesmo, na frente das duas [...] Cledir me puxou para fora de casa, o que é que está acontecendo? Aquilo não tinha nada a ver com Cledir, com Érica, nada a ver com a criança que iria nascer, com o casamento, nada a ver, aquilo tinha a ver comigo mesmo, com os meus buracos. Eu não era homem para Cledir [...]. (MELO, 2009, p. 67-68).

Mesmo com tal ocorrido, ao lado de Cledir Máiquel tenta fazer a coisa certa, ser um homem bom, ter um emprego, ser um pai de família, assim como as projeções da moça acerca dele. Cledir, embora tenha sido estuprada por Máiquel e saiba que ele era um assassino, projeta nele o marido e o pai de sua filha. Cledir acredita nas palavras de

MáiqueL e a morte de sua mãe contribuiu para que esses anseios se realizem temporariamente, embora em pensamentos ele tenha desistido de tudo o que prometera a moça, quando descobriu que ela estava grávida:

[...] quando chegamos no pronto-socorro ela já estava morta. Ataque de coração, disse o plantonista. Cledir se enfiou nos meus braços e chorou. Eu me casaria, sim. E também compraria um caixão, passaria a noite no velório, iria ao enterro, faria tudo o que um homem deve fazer. Fiz fui fazendo as coisas, foi isso que eu fiz. Fui ao necrotério, ajudei a vestir o cadáver, comprei flores, vi a cova, falei com coveiros, escolhi o caixão, comuniquei aos amigos, rezei o pai-nosso e enxuguei as lágrimas de Cledir. No dia seguinte, depois do enterro, conversamos sobre o futuro. Casaríamos no sábado. Não haveria festa porque estávamos tristes, apenas bolo para os padrinhos [...]. (MELO, 2009, p. 68).

Cledir que era vista com bons olhos por MáiqueL, acaba contribuindo para que MáiqueL se reinvente como “anjo exterminador” dos ricos, uma vez que em seu aniversário mata seu animal de estimação, o porco Gorba. Com delicadeza e boa intenção, na tentativa de agradar o esposo, Cledir estava feliz com o jantar preparado para comemorar a data em questão. Sentada a mesa juntamente com o marido e um casal de amigos, Cledir serve o animal como prato principal no jantar, e o desfecho da cena se revela desastroso:

[...] a mesa estava posta, pratos, cervejas e, no centro um porco enorme, com batatas e brócolis, hum, o cheiro está ótimo, disse o Romildo. Meu coração disparou, não, não pode ser, eu pensei. Abri a porta da cozinha e o Gorba não estava lá, cadê o Gorba? Que pergunta, meu amor, Cledir sorriu sem graça e só então eu percebi que ela tinha a boca caída que nem a da mãe, porco assado para comemorar seu aniversário, ela sorriu, fiquei sem ação, assassina, vaca assassina, senti vontade de pegar as batatas e os brócolis e meter tudo na boca e nas orelhas dela, senta MáiqueL, o que deu em você? [...] eu parecia um zumbi na mesa, Cledir estava feliz, comia depressa o meu porco e falava alto para os seus amigos do Mappin, o salário de MáiqueL é uma porcaria, e comiam meu porco, eu ganho mais que ele, a faca, eu sustento a casa, a faca, os outros dois também comiam depressa, bando de porcos esfomeados, cortar, o Mappin paga bem, ela disse, a faca, espetar o garfo, mas é difícil segurar as pontas sozinhas, disse Cledir, essa casa, a faca, mastigar, essa casa é da minha mãe, engolir, mudamos para cá, garfada, mudamos para cá com tudo mobiliado, agora, imaginem se a gente tivesse que pagar aluguel? Claro, o salário de MáiqueL ajuda, e comendo o meu porco, o meu próprio porco, e falando mal de mim, do meu trabalho, me humilhando, e meu amor, quer mais querido? Comprei um par de sapatos para ele, mostra os sapatos, meu amor, não são lindos? [...]. (MELO, 2009, p. 95-96).

Sem conhecer a real importância do animal para MáiqueL, Cledir provoca uma revolta interior em seu marido, que ao sair sem rumo de casa, chega a casa do dr. Carvalho. Se enxergando como um “fodido” da vida e envolvido pelas emoções do acontecimento, MáiqueL meio confuso com a situação acena com a cabeça, concordando

com as premissas propostas no acordo com o dentista. Sua resposta marca o início da sua jornada como “benfeitor dos ricos”.

Outra personagem importante na construção e desconstrução da subjetividade do narrador é Érica, ex-namorada de Suel, o oposto de Cledir, definida pelo narrador como uma “locomotiva”. Ao lado dela os acontecimentos são intensos. Tão intensos que o farão sair, literalmente, “dos trilhos” da vida abastada que ele galgou após casar-se com Cledir e se envolver com as maquinações do Dr. Carvalho e seus conterrâneos:

Eu não via Érica desde o meu casamento, eu nem pensava mais nela, eu era um homem casado, eu tinha um emprego, o barulho do chuveiro elétrico me deixou atormentado, schhhhhhhhhhhhhhh, a água, a chuva, senti vontade de ver Érica tomando banho, da está sem roupa, entrei no banheiro, oi, Érica, sai daqui, seu imbecil, fiquei parado, ela cobriu os seios com os braços, sai daqui ou eu vou berrar, eu não conseguia sair, o umbigo, as pernas, os pés, sai, ela berrava, fora daqui, os cabelos molhados, sai daqui, eu saí, saí e fui buscar uma escada lá no quintal, não sei por que fiz aquilo, peguei uma escada e fui espiar, dava para espiar do corredor, ela continuava tomando banho, a bunda, uma bunda maravilhosa, desabotoei a calça e segurei meu pau e fechei os olhos e pensei que o homem é forte, o homem luta, o homem vence, o homem conquista, o homem cria, o homem constrói, e de repente, craft, Érica puxou a escada, filho da puta, eu caí, rainhas pernas doíam, Érica jogou a escada em cima de mim, seu idiota, você pensa que é assim, é?, é isso, você quer foder?, você veio aqui para foder? Eu vim pegar o Gorba, eu disse, mentira, você veio aqui para foder porque você só pensa nisso dia e noite, você foi casar com aquela goiaba, a Cledir não é uma goiaba, eu disse, é goiaba sim senhor, minha perna doía de verdade, me ajuda a levantar, eu disse, você veio aqui porque está louco para foder comigo, é bom ficar com vontade, pode rolar no chão de vontade, veja como é ficar com vontade, morrendo de vontade, você está com vontade? Você quebrou a minha perna, não estou conseguindo me mexer, eu disse, Érica sentou em cima da minha barriga, seu imbecil, eu fiquei aqui te esperando, faz um tempão que estou te esperando; ela disse isso e me beijou, a minha perna parou de doer, Érica entrou dentro de mim, entramos um no outro, na parte mais escura e mais clara que existia dentro de nós, Érica me sugou para dentro de alguma coisa quente, alguma coisa muito quente e muito poderosa [...]. (MELO, 2009, p.76-77)

Completamente envolvido por Érica, já que se vê como passageiro dessa locomotiva, o narrador afirma que se sentia “[...] um ignorante ao lado de Érica, e isso me prendia, me atava, me deixava plugado na tomada de Érica [...]. (MELO, 2009, p. 103)”. Para Máique,

[...] Érica era uma garota muito inteligente, e cada vez mais eu gostava de ficar com ela. Os olhos espertos, músculos, muito diferente de Cledir. Érica adorava beber e dançar. Gostava de rir. E Cledir me esperando para jantar. Criando o meu filho, cozinhando, uma coisa pura, sincera, certa. Erica era sacana e iria me trair. Iria me trair, eu sentia isso em cada palavra que saía de sua boca. O jeito que ela olhava para o garçom, para o rapaz que estava sentado na mesa ao lado, o jeito que ela jogava a cabeça para trás, quando fodíamos no sofá. Sinais de traição. Cledir nunca iria me trair. Mas o problema é que não existe intuição no amor. No amor, existem só aqueles

degraus, aqueles degraus que você vai subindo, subindo, você só quer subir, e eu estava subindo [...]. (MELO, 2009, p. 102).

Embora Máiquel acredite na possibilidade de traição por parte de Érica, ele mantém o romance, e a assume após o assassinato de Cledir (provocado por ele, em um ataque de fúria devido à ausência de Érica). A moça ao ser procurada por ele, posteriormente ao crime, o ajuda e permanece ao seu lado. Apesar de todos os “desencontros”, Érica está sempre presente na vida de Máiquel, mesmo que seja em sonhos, quando este é abandonado por ela.

2.2 As subjetividades cindidas de Máiquel

Vendedor em uma loja de carros usados Máiquel é um sujeito da classe médio-baixa sem muitas perspectivas de vida, embora possua ainda 22 anos de idade. Vive uma vida banal, sozinha e é um frequentador assíduo do bar do Gonzaga. A narrativa vai revelando aos poucos as acepções que o constituem e os acontecimentos que o influenciam. O relato de sua história, que começa com o resultado do cumprimento da aposta, é primeiro indício exposto da crise identitária em que Máiquel se encontra. O seu novo reflexo é sublinhado por sua “moldura” exterior, afirmada por ele que esta mudou. Máiquel passa a se sentir mais confiante e acredita ter descoberto o seu verdadeiro “eu”, o que influencia em suas atitudes. A transformação é enfatizada por uma comparação feita por ele entre o antes e o depois. Diz Máiquel:

Sempre me achei feio. Há muitas curvas em meu rosto, muita carne também, nunca gostei. Meus olhos de sapo, meu nariz arredondado, sempre evitei espelhos. Naquele dia foi diferente. Fiquei admirando a imagem daquele ser humano que não era eu, um loiro, um desconhecido, um estranho. Não era só o cabelo que tinha ficado mais claro. A pele, os olhos, tudo tinha luz, uma moldura de luz. De repente, todos os meus traços tornaram-se harmônicos, a boca, que sempre fora caída, continuava caída, o nariz continuava redondo, as pálpebras inchadas, porém tudo isso era bobagem porque havia algo maior, mais importante, a moldura. Havia luz na minha face, e não era uma luz artificial de refletores. Era aquela luz que a gente vê em imagens religiosas, luz de quem é iluminado por Deus. Foi assim que me senti, próximo de Deus [...] Aquela tinta tingiu alguma coisa muito profunda dentro de mim. Tingiu a minha autoconfiança, o meu amor-próprio. Foi a primeira vez em vinte e dois anos, que olhei no espelho e não tive vontade de quebrá-lo com um murro. Beije Arlete e saí feliz, pensando que passei a maior parte da minha vida querendo ser outro cara. Mappin, venha correndo, Mappin, chegou a hora, Mappin, é a liquidação! Quando eu era garoto, adorava ouvir a música do Mappin. Videocassete Gradiente, quatro cabeças, controle remoto. Garantia Gradiente de um ano. Limpeza automática das cabeças. À vista cento e sessenta ou duas de oitenta. Famílias, brinquedos, prestações, crediários. Aproveite! Gosto de ir ao Mappin. Últimos dias da promoção.

Acompanha rack. Jogos de cama. Promoção. Tudo para o seu carro, venha correndo. Promoção. Mappin. Passei os olhos procurando uma vendedora bonita. Todas eram bonitas naquele uniforme que parece de aeromoça. Escolhi uma morena. Aposto que você tem bom gosto. Ela sorriu, tinha um dente quebrado na ponta, um charme. Como é que você gosta que seu marido se vista? Não sou casada, ela disse. Sinal verde. (MELO, 2009, p.10-11).

Para pagar a aposta de futebol para o seu primo Robinson, Máiquel teve que tingir o cabelo de loiro, e resolveu passar pelo bar do Gonzaga para exibir sua nova conquista, a vendedora do Mappin Cledir e o novo visual. E o que era para ser um ato trivial, acaba em uma proposta de duelo contra Suel, já que este achou engraçado o fato de Máiquel estar parecendo um gringo. A tentativa de impressionar a moça que o acompanhava, levou a um acontecimento influenciador na identidade de Máiquel, que, apesar de se sentir frustrado, pois “[...] estava arrependido de ter proposto o duelo, aquilo tinha sido uma bobagem, uma estupidez sem fiz [...]” (MELO, 2009, p.15), acaba cumprindo com o proposto e mata Suel, que se nega a duelar afirmando que

[...] se você quiser pode me matar, Máiquel, vai ter que ser pelas costas, ele disse. Suel ficou de costas para mim e saiu gingando, de mãos dadas com a namorada. Pode atirar, ele gritava, me mate pelas costas. Dei o primeiro tiro, Suel voou no chão, deve ter morrido na hora. A namorada berrava e tentava arrastar o negro para o carro. Dei outro tiro sem mirar e acertei na cabeça de Suel. Foi assim, que as coisas aconteceram desse jeito. Ele foi a primeira pessoa que matei. Até isso acontecer, eu era apenas um garoto que vendia carros usados e torcia para o São Paulo Futebol Clube. (MELO, 2009, p.17-18).

A decorrência a esse fato, detonador analógico na vida de *Máiquel*, promove a identificação de “o matador” atribuída a ele, primeiro por intermédio dos olhos da sociedade, e enfim, por si mesmo. Em meio a essa sociedade caótica, o “novo Máiquel”, com visual renovado, que tingiu seu interior, se transforma em um homem perturbado com seu ato criminal:

Por que não fugi na noite anterior? Enganei-me pensando que estava seguro só porque um PM me disse: tudo bem, você matou o Suel, quem se importa? Quem se importa com um negro? Quem se importa com você? Ninguém se importa. Ninguém se importa com ninguém, o homem é apenas um pedaço de carne, está bem? Carne de porco, carne de vaca, quem se importa? Aquilo poderia ser um blefe. Bife. Aquele filho da puta certamente iria depor no meu julgamento, iria dizer que eu assumi o crime no bar do Gonzaga. Robinson me mataria quando soubesse que eu desisti de fugir. A esta altura poderia estar a caminho de Goiânia, livre, num hotel barato, numa cama limpa, uma comida decente. Por que fiquei? Levei a espingarda para o banheiro, se fosse a polícia, eu diria tudo bem, eu matei Suel, podem me levar, quero antes ir ao banheiro. Eu tinha balas, meteria uma na cabeça. Poderia me enforcar também. Minha vida andava mesmo uma merda,

aquela maldita dor de dente, não seria tão ruim morrer naquele dia.
(MELO, 2009, p.22)

No entanto, Máiquel acaba sendo aclamado como “justiceiro” por aqueles que aprovaram a morte de Suel, e que em forma de agradecimento enviam a Máiquel diversos presentes:

Meu coração parecia um ninho de abelhas, só abelhas. Não aguentava mais ficar em casa. Quando abri a porta, encontrei um monte de pacotes na soleira: cigarros, carne moída, cerveja, pinga e flores. Tinha um bilhete também, com letra de criança: Obrigado, Máiquel. Outro: Bem feito o Suel, letra de mulher. Bandido tem que morrer, letra de homem. Morreu porque não servia para a para sociedade, à máquina. Claro, o porco. Ganhei um porco de presente pelo assassinato de Suel. E cigarros. Carne. Pinga e cerveja. O pessoal gostou. Gostei dos presentes. Saí de casa ressabiado, eu ainda não tinha entendido tudo. Quase tudo. Estava começando a entender. Os vizinhos sorriram. Crianças, mães, empregadas, prostitutas, jornaleiros, cidadãos. Todos sorriram para mim. Na padaria, uma senhora beijou minha face e disse: conte comigo. Bobs na cabeça, uma mulher decente como a minha mãe: conte comigo. No Gonzaga, foi uma festa. Todos apertaram a minha mão, pediram que eu contasse como tinha conseguido matar Suel. Eu não era um mentiroso, mas fiquei com vontade. Como eu matei Suel? Bem, ele arregalou os olhos e eu atirei. Explodiram em gargalhadas, eu ri também, embora a imagem da garota beijando o cadáver tenha me deixado um pouco triste. Posso comer o que eu quiser, Gonzaga? O que, você quiser. Eu não conseguia comer nada, por causa do dente, pedi Coca-Cola. (MELO, 2010, p.23-24)

A partir desse momento, Máiquel reconfigura – repagina e tinge - sua antiga identidade. Sua fragmentação subjetiva é refletida por intermédio de marcas presentes em seu discurso, repleto de verbos de ação conjugados no presente, que transmitem a ideia da simultaneidade pós-moderna e da transitoriedade dos valores e referências. Tudo se molda num giro vertiginoso, e sua subjetividade não escapa a isso, visto que “[...] tal qual como a linguagem, a identidade está sempre escapando [...]. (SILVA, 2000, p.)”. Essa linguagem esfacelada do personagem reflete sua subjetividade cindida. Conforme as acepções acerca do homem contemporâneo de Hall (2006), Máiquel é um indivíduo “[...] fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...]. (HALL, 2006, p. 12)”. Desse modo, Tomaz Tadeu da Silva afirma que assim como a ideia de *diferença*, a identidade é

[...] o resultado de atos de criação *linguística* significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Isso parece obviedade. Mas como tendemos a toma-las como dadas, como ‘fatos da vida’, com frequência esquecemos que a identidade e a diferença têm que ser nomeadas. É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais [...]. (SILVA, 2000, p.).

Ao descrever o assassinato de Suel, a frieza utilizada em seu discurso faz com que “matar” se torne banal, assim como vender carros e torcer para o São Paulo Futebol Clube. O discurso é repleto de frases curtas, e intercala conteúdos diferentes. Esses conteúdos são discursos publicitários e seus clichês repetitivos, o que funciona já como um prenúncio de que sua consciência almeja os bens consumíveis. Daí a passagem do ato involuntário de assassinar Suel se transformar no seu *jingle*. Matar para proteger o *status quo* dos abastados personificados pela figura do Dr. Carvalho se revelará um bom e lucrativo negócio. Tais marcas discursivas – “Mappin, venha correndo, Mappin, chegou a hora, Mappin, é a liquidação! [...]. Videocassete Gradiente, quatro cabeças, controle remoto. Garantia Gradiente de um ano. Limpeza automática das cabeças. À vista cento e sessenta ou duas de oitenta. Famílias, brinquedos, prestações, crediários. Aproveite! Gosto de ir ao Mappin (MELO, 2009, p.10)” já prenunciam a próxima mudança subjetiva do narrador, que de assassino frio será conduzido ao posto de “benfeitor da elite” pelas ideias do dentista Dr. Carvalho:

O dr. Carvalho era manco, tinha levado um tiro na perna quando morava no Rio de Janeiro. Arranquei o dente de um infeliz e ele não queria pagar, veja só, fui cobrar e levei um tiro no joelho, tive sorte de não morrer, ele disse. A violência está cada vez pior. O Rio de Janeiro acabou para mim. Odeio o Rio de Janeiro. E São Paulo já foi melhor. A violência aqui, vamos falar a verdade, isso aqui está uma selva. Eu me mudei para São Paulo pensando que aqui poderia ser melhor. Tudo igual, a bandidagem corre solta. Fiquei com vergonha de abrir a boca, meus dentes todos fodidos, o dr. Carvalho, com seu jaleco branco, seus sapatos brancos, suas mãos cheirando a Lux Luxo, ia ficar enojado ao ver toda aquela podridão. Foi você que matou o Suel? A pergunta, à queima-roupa, me deixou assustado. Não respondi, ainda bem que o espelhinho travava minha língua. O dr. Carvalho é um homem estranho, tem mãos enormes. Ele me disse que era a favor da pena de morte. Há crimes que só a pena de morte pode resolver, ele falou, enquanto olhava meus dentes com o espelhinho. Muito ruins seus dentes. Sou a favor da pena de morte. Dou uma banana para quem pensa o contrário. Essa história de direitos humanos é uma piada, Eles não são humanos, os estupradores, os seqüestradores, eles não são humanos. O senhor precisava ver o cara que me deu o tiro no joelho. Os olhos dele. Um animal. Depois que levei um tiro na perna virei lombrosiano, o senhor sabe quem foi Lombroso? Lombroso inventou a teoria do criminoso nato. Um gênio, o Lombroso. O sujeito já nasce com aquilo, aquela tendência para o crime, entendeu? Dom para piano. Para pintura, entendeu? É a mesma coisa, o crime. Difícil fugir daquilo. Impossível corrigir, entendeu? O dr. Carvalho bateu com o cabo do espelhinho no meu dente da frente. Como é que o senhor deixou acontecer isso com a sua boca? Fiquei com vergonha do dr. Carvalho, me senti infeliz. Lembrei do meu porco. Não é na ciência que busco meus argumentos, ele disse. Deus. Deus é quem me dá as respostas. Eu estudei o Apocalipse, os Atos dos Apóstolos e a Epístola dos Romanos. Não falo sem saber. O apóstolo Paulo, por exemplo, capítulo XXV versículo 10: Convém que eu seja julgado aqui, diante do tribunal de César. Muito inteligente o dr. Carvalho. É só o do fundo Que dói, eu disse. O do fundo? O do fundo está podre. Sabe o que o apóstolo Paulo quis dizer com isso? Não, não sei. Ele quis dizer que o julgamento na terra é justo, é aceitável. É correto. Não é só

Deus que pode julgar. O homem pode, o homem deve julgar. Esse dente aqui dói? Não. Vai começar a doer, logo, logo. Uma cárie impressionante. Nunca vi nada igual. Cristo também. Cristo admitia esta possibilidade. Pilatos, quando estava interrogando Cristo, irritado porque Cristo não respondia a suas perguntas, disse: sabes que teu destino está em minhas mãos? A resposta de Cristo foi: Deus te deu este poder. Ou seja, Cristo, o próprio Cristo, admitia que não só Deus, mas o homem também, sob o comando de Deus, o homem poderia matar. Pilatos tinha esse poder, Cristo admitiu, e Cristo era filho de Deus, você sabe. Todos os seus dentes de trás estão comprometidos. Não tem um bom. Portanto, essa história de não matarás vale até a página 3. O próprio São Tomás de Aquino diz isso, matarás, se necessário, matarás em nome da lei, diz Tomás de Aquino, quer dizer, não é bem isso que ele diz, mas é mais ou menos isso, estou adaptando, entendeu? O que ele quer dizer é que quem mata em nome da justiça não é um criminoso porque isso não é crime, deu para entender? A pena de morte, neste caso, é um direito da sociedade, não é um crime, é um direito, não é um crime, é um direito. Veja bem, um direito dado por Deus. O senhor escova os dentes regularmente? Menti, disse que sim. Eu não gosto de escovar dentes. A sua escovação é muito ruim, por isso a gengiva sangra muito. Minha gengiva não parava de sangrar nunca. Roubo com morte, estupro com morte e sequestro com morte, para mim, isso devia dar pena de morte. Outro dia, li no jornal que uns fulanos do Conselho Federal de Medicina fizeram um manifesto contra a pena de morte. Fiquei doido. Disseram, os babacas, um erro jurídico é inaceitável. Erro médico, eles aceitam. E os infelizes que eles matam no hospital? Dizem que a pobreza geral do país é que gera a violência. Gera violência, gera poluição, gera doença, gera o diabo, mas não gera esses estupradores filhos da puta, isso não gera. Não é verdade? O dr. Carvalho tirou o espelho da minha boca, olhou-me como se fosse meu próprio pai. O dente que está doendo, nós podemos tratar. Podemos arrancar. Tratar custa caro, você sabe. Os outros dentes, você precisa tratar também. Ou então, daqui a três anos, o senhor estará sem nenhum dente, vai ter que usar dentadura. Quantos anos o senhor tem? Vinte e dois. Pois é, uma pena, tão moço. Meu dente doía para caralho. Quanto o senhor cobra para arrancar este dente? Eu posso tratar, ele me disse. Eu não tenho dinheiro. Você não precisa pagar. Gostei de você. Gostei do que você fez com Suel. Aquele preto filho da puta merecia morrer. Eu odeio preto, sou racista mesmo, esses pretos estão acabando com a vida da gente. Fiquei quieto. Não gosto de falar sobre o Suel. Onde andaria a namorada dele? Os olhos do dr. Carvalho brilhavam como estrelas. Ele odeia pretos. Farol vermelho, quem se importa? Vou te dizer uma coisa, rapaz, você tem os dentes ruins, eu sou dentista, eu tenho um problema e você tem os dentes ruins. Podemos nos ajudar. Você me ajuda, eu te ajudo. (MELO, 2010, p. 30-32)

O Dr. Carvalho articula seus argumentos fazendo uso da retórica jurista, do cientificismo dos noventa e da teologia cristã. Estratégias discursivas para legitimar e reforçar suas posições reacionárias e racistas acerca da “justiça social”. Justiça essa que deve pender somente para os privilegiados, aqueles que possuem poder de compra e barganha. Nesse ponto, a violência empreendida por Carvalho não ultrapassa o plano simbólico do discurso autoritário e segregador das minorias dominantes. Para transcender esse plano e se materializar, Carvalho convence Máiquel com a promessa de que ele também pode usufruir de uma realidade que se revelará reluzente somente no âmbito da superfície, porém hipócrita e mesquinha no seu âmago:

A mesa de jantar do dr. Carvalho tem tampo de vidro, eles não usam toalhas tradicionais, usam toalhas americanas porque são mais práticas, eu não parava de olhar os sapatos, fingia que estava olhando o meu prato, mas olhava os sapatos, pratos, o do dr. Carvalho tinha um penduricalho de couro, o do dr. Sílvio era de amarrar, as solas-grossas de borracha, a esposa usava sapatilhas de pelica, todos engraxados, brilhando, e o meu sapato parecia que tinha dormido dentro da privada, parecia um barco, afundei. Eu estudo com seriedade todas as novidades em sistema de segurança do mercado, disse o dr. Carvalho. Leio publicações especializadas, testo os equipamentos, portanto, sei do que estou falando, alguém quer vinho? Fechadura elétrica, aquela acionada por botões é a mais segura e a mais moderna. Meu bem, onde está o saca-rolha? Portas, a mais eficiente é aquela de aço que se usa para cofre. Custa caro. Eu sempre digo, preço não interessa. A vida é importante. Meu bem, acho que o Máiquel gostaria de mais frango. Alarmes e dispositivos eletrônicos, custem o que custar, são baratos. Hoje em dia já se tem cardápio para alarme. Alarme para quem passa o fim de semana no Guarujá. Alarmes para situações em que o proprietário é dominado por bandidos perigosos. Tecnicamente dizemos alarme anti roubo e alarme antiassalto. Ouvi dizer também que existem sistemas que tomam decisões. Por exemplo, fechar a porta da rua, ou fazer subir uma parede de aço, prendendo o bandido em algum lugar. Coisas eletrônicas. Você me pergunta se isso adianta. É a história das pílulas denunciantes e das pílulas anulantes. Não resolve. Os equipamentos de segurança podem melhorar, podem dar uma ajuda. Mas se um bandido decidir entrar na sua casa, esqueça todas estas bobagens. Ele vai entrar. Vai entrar e vai pegar o seu ouro, o seu dólar, o seu cedê, o seu carro, e se sua filha estiver por perto, é certo, ele vai levar a sua filha também. Então, qual é a solução? Comprar um casal de gansos? Não ria. Muita gente faz isso. O ganso é um bicho terrível, barulhento, ataca qualquer estranho. Eu aprovo. Muros, cães, grades, caco de vidro, porte de arma. Aprovo tudo. Adianta? Não adianta. Nada adianta. Só há uma coisa que resolve. O dr. Carvalho olhou para mim, esperando que eu dissesse algo. Mas eu não tinha nada para dizer, fiquei olhando para os sapatos, ouvindo as mulheres conversarem, é congelado, a Gleice vem uma vez por mês, eu compro tudo, lombinho, frango, carne moída, e a Gleice faz comida para o mês inteiro, panqueca, almôndegas, bife rolê, a Gleice cozinha muito bem, posso te dar o telefone. Eu nunca tinha comido congelado, achei muito bom, o gosto era igual. Vamos tomar o café no meu escritório, amor? Fomos para o escritório, os homens. As mulheres foram para a cozinha. Os meus sapatos sobre o tapete cor de creme ficaram mais fodidos ainda, a f6fura do tapete realçava a feiura do meu sapato. Enfiei meus pés embaixo da mesa de centro, não deu certo, eu atrapalharia o caminho e não tive opção, fiquei com eles à mostra, de vez em quando o dr. Carvalho ou o dr. Sílvio olhavam, mas o que eu podia fazer? Nada resolve nada. O que resolve mesmo, continuou o dr. Carvalho, é fazer o que deve ser feito. E o que deve ser feito? (MELO, 2009, p.60-61)

Assim, o dentista é outra figura significativa na construção do “eu identitário” de Máiquel, porém agora inscrita na esfera masculina e oriunda das camadas abastadas da sociedade. O dr. Carvalho, resgatado por Patrícia Melo do conto *O Cobrador* (1979) de Rubem Fonseca, agencia Máiquel após o assassinato de Suel. Numa barganha de serviços, o contrata para matar um sujeito que molestara sua filha e propõe em troca um tratamento dentário completo. Seguindo a lei do mercado, prevalece a questão da oferta e da demanda. Máiquel precisa acabar com a dor de dente e o Dr. Carvalho quer “justiça”, entretanto, não deseja ter relação comprometedora com isso, precisa de

alguém que realize o serviço. “Fodido” da vida, cansado de sentir dor de dente e sem dinheiro para pagar o tratamento, Máiquel acaba aceitando a proposta meio a contragosto de matar Ezequiel, o estuprador de Gabriela, a referida filha do dentista. Feito o primeiro serviço, eis que surgem outros, e a identidade de justiceiro transcende as acepções da periferia. Máiquel torna-se agora o “benfeitor” da elite, que deseja eliminar o “lixo da sociedade”, remover os dejetos para aqueles que não querem sujar as mãos. Para assumir a nova função, Máiquel vai às compras com Érica. E para compor um novo visual, sua nova identidade requer um uniforme, uma transformação exterior, que conseqüentemente influencia sua subjetividade. Depois dos dentes perfeitos, era hora de apresentar uma aparência perfeita:

Calça preta, blusa preta, cinto preto. Cruzei os braços diante do espelho, eu me sentia bem com aquela roupa. As botas, Érica chamou a vendedora, por favor, meu bem, veja lá na seção de calçados um par de botas número 39. Pretas. Aquilo era um uniforme, além disso era preto, á noite ninguém veria. E sangue também, sangue no preto é menos gritante. Calcei as botas, Érica tirou seus óculos escuros e colocou-os no meu rosto. Perfeito, ela disse. (MELO, 2009, p. 112).

Com isso Máiquel assume definitivamente a identidade de “benfeitor”, a mão da “justiça” dos abastados que desejam remover o lixo social das ruas. Uma forma “maquiada” de se referir a um matador de aluguel. No entanto, embora tenha conquistado a confiança dos poderosos e admiração de seus vizinhos, a nova identidade assumida, construção identitária essa motivada pelo viés social também traz consigo outros pensamentos torturantes. Sua consciência continua martirizando-o, fazendo-o se comparar com outros cidadãos em uma rua repleta de pessoas, no qual,

[...] as pessoas voltavam do trabalho, elas não tinham matado ninguém. Mulheres e filhos esperando, jantar, novelas, o ninho. Sem culpas. Sem dor de dente. Eu tinha acabado de matar um homem. Eu tinha acabado de matar um homem e estava arrasado. E com dor de dente. E tinha faltado no trabalho. Não me saía da cabeça a imagem da garota beijando o cadáver. Por que eu matei Suel?, eu queria que alguém me explicasse por que eu matei Suel. Fui para a casa do Robinson, completamente abalado. Queria ser preso, julgado e condenado. Queria que Suel tivesse um irmão para me matar ali mesmo, enquanto Robinson pagava o meu táxi e me levava para dentro da casa. Eu estava tremendo, meu dente doía, Robinson colocou-me no sofá e me deu uma xícara de café forte. Na minha família, os homens não costumam chorar. Não por causa de machismo, embora sejamos machistas. Não choramos porque também não rimos, não abraçamos, não beijamos e não dizemos palavras gentis. Não mostramos nada do que acontece em nossa pele. Isso é educação. Meu avô era assim, meu pai era assim e meus filhos serão educados dessa maneira. Nunca chorei na frente de ninguém, exceto naquele dia. Chorei, soluzei, eu matei um homem, chame a polícia, eu vou me entregar [...]. (MELO, 2009, p. 20- 21).

Com algumas referências rompidas, Máiquel segue com os moldes da sua nova representação. Tal reconhecimento já está evidente para ele e para a comunidade, uma vez que, com a transitoriedade dos tempos contemporâneos, o indivíduo se encontra de frente a diversas posições disponíveis para assumir, basta escolher (BAUMAN, 2005). E essa escolha pode ser cogitada, por exemplo, em um momento de lazer com pessoas próximas e sob o efeito de drogas. Nesse ponto, Máiquel relata que

[...] aquelas conversas sobre coisa nenhuma acabaram me relaxando, senti que tudo era mais fácil, tudo bem, o que era para ser feito? O que é que guardaram para mim? Posso vender sapatos, descascar batatas, qualquer coisa. Foda-se. Posso matar também. É fácil matar, você pega o revólver, aperta o gatilho e pronto, um gesto simples, morrer é que é difícil [...]. (MELO, 2009, p. 39-40).

Os serviços prestados por Máiquel ganham cada vez mais espaço socialmente, e em parceria com os empresários, inaugura uma “empresa de proteção comunitária” o OMBRA. Com os benefícios proporcionados pelos resultados dos trabalhos realizados nessa instituição empresarial, Máiquel se muda, juntamente com a amante Érica e Samantha, para um novo apartamento, em um bairro bacana, com móveis bons, em especial uma mesa de vidro igual a da casa do dr. Carvalho, que possibilitava ver seus pés durante as refeições sem se sentir humilhado pelos seus sapatos, que agora brilhavam. Máiquel se sentiu humilhado por causa dos seus sapatos no jantar do seu aniversário, quando Cledir comprara um sapato novo e jogara seus velhos fora sem falar nada. Cledir ainda ficara dizendo para o casal de amigos dela o que ela fez para o marido e sua falta de dinheiro. Outra situação que o deixa constrangido pelo que está usando nos pés, ocorre durante um jantar na casa de dr. Carvalho, no qual a beleza dos móveis (mesa, tapete) realçam a feiura do que ele calça.

[...] a mulher do dr. Carvalho foi mais fria, mas também agradeceu. Experimente esse cigarro americano. Percebi que ela notou o meu sapato todo fodido. Os cigarros americanos são os melhores no mundo. Ninguém faz igual. Ela usava uma sandália cor de cobre e eu tentava esconder os meus pés, deixei o jornal em cima deles, quando estava sentado no sofá, me dê esse jornal, ela disse, as crianças, ela disse, as crianças fazem a maior bagunça. Meus sapatos eram feios para caralho [...]. (MELO, 2009, 70).

Na maior parte da narrativa Máiquel se sente envergonhado por seus sapatos, acreditando ter conseguido ser quem ele realmente desejou ser quando passou a usar

sapatos bons, iguais aos dos empresários, almejando sempre “ser” eles, superior a tudo o que ele já vivenciou. Diz o narrador:

A porta do meu carro foi aberta pelo manobrista, saltei, príncipe-de-galas, meus sapatos italianos na calçada, em direção à entrada do Clube Recreativo, toc, toc, toc, um mendigo deitado no chão, meus sapatos, ele só viu meus sapatos, levantar a cabeça era alguma coisa impossível para aquele pobre-diabo, meus sapatos italianos novíssimos, reluzentes, o rosto no asfalto, tov, toc, toc, boa-noite, milionário, ele falou, o mendigo. Tirem esse homem daqui, gritou o porteiro. Milionário, o mendigo tinha razão, a coisa começava mesmo nos pés, era ali mais do que em qualquer outra parte do meu corpo que eu me sentia milionário. (MELO, 2009, p. 195).

Os novos sapatos o conduzem a novos valores subjetivos. E no transcorrer do enredo, a apatia será uma das características assumida por Máiquel, juntamente com suas novas posições de identidade; o assassino que possuía o coração livre por não odiar a pessoa que estava sendo pago para matar, em meio aos acontecimentos indícios de sua escolha identitária, começava a expor sua frieza perante aos atos:

[...] ninguém falava nada, Marcão não parava de estourar bolas de chiclete, como ele sempre fazia quando estava nervoso. Robinson tremia. Aonde nós vamos?, Érica perguntou. Eu matei um homem, Érica. Um esturador. Vamos comemorar. Nem olhei para a cara dela, não quis saber a opinião de Érica. Eu tinha matado um cara, tinha atropelado um bêbado, eu era aquilo mesmo, meu dente estava obturado e não me interessava a opinião de Érica. Se gostasse, bem, se não gostasse, que fizesse as malas e tchau. Aumenta o som, Robinson. Robinson aumentou e eu cantei bem alto até chegar no bar do Gonzaga. Nem sei se ela fez algum comentário. Havia uma festa para mim [...]. (MELO, 2009, p.62).

Após a morte de Robinson, Máiquel começa a se dar conta do jogo em que se encontra, começa a sentir ódio, “[...] o ódio crescendo dentro de mim [...]. (MELO, 2009, p. 108)”. É com esse sentimento que ele consegue matar Neno, o garoto que Sílvio (um empresário amigo de dr. Carvalho, que deseja eliminar o sujeito que atormenta sua empresa) queria que morresse. Durante esse assassinato cruel, revelando não acreditar mais em Deus, Máiquel assume de fato para si mesmo a sua identidade de “Matador”, “[...] eu vou te matar porque, a partir de agora eu sou o matador. Eu sou a grade, o cachorro, o muro, o caco de vidro afiado. Eu sou o arame farpado, a porta blindada. Eu sou o Matador. Bang. Bang. Bang. (MELO, 2009, p. 108-109)”.

Agora como “benfeitor” da elite, matar tornou o seu trabalho. Seus afazeres lhe proporcionou uma vida melhor, ele pode mudar da casa de Cledir, para um apartamento com Érica e sua filha. O seu reconhecimento perante a sociedade é inegável, desejando que Máiquel entre para a política, pois no âmbito do serviço “social” que exerce, ele é

visto como um homem bom. Aos passos em que os ofícios do Ombra, denominada como a empresa de “Serviços de Segurança e Vigilância Patrimonial S. C. Ltda”, são realizados e Máiquel é reconhecido por tais atitudes prestadas à comunidade, ele é indicado a receber o prêmio de “Cidadão do Ano”. Contudo, se afasta cada vez mais de Érica. E ela alerta Máiquel acerca de sua postura identitária, uma fantoche controlada pelos poderosos, agindo como estes queriam, sem ter uma identidade própria. E durante a discussão dias antes da premiação, Érica diz:

Você está estragando tudo, ela falou, você engrenou meu coração, você acendeu uma fogueira dentro de mim, no começo foi assim, o mundo nem existia para mim, só você, só o que você dizia, e agora, olha o que está fazendo, você é outro, você não está vendo o que estes caras estão fazendo com você, o que este departamento está fazendo com você, o que este terno está fazendo com você, você mudou, você gostava de sair por ai comigo, gostava de se divertir, de dar risada, agora, agora é uma merda, você não senta nunca, você não fica de costas, você não dorme, e quando dorme, alguma coisa dentro de você fica acordada, latindo, há um dobermann correndo nas tuas veias, cacos de vidro no teu sangue, há outras coisas também, grades, muros, arame farpado, tudo isso não te deixa dormir, tudo isso está te matando, te comendo, você pensa que eu não sei o que você faz, você ganha dinheiro para matar pessoas, e você nem liga mais, vocês matam esses caras fodidos e depois vão lá pro Gonzaga beber cerveja, vocês matam pessoas e depois vão receber os parabéns, as pessoas são enterradas e ficam apodrecendo embaixo da terra, deixam um rastro de dor, e vocês não querem nem saber, vocês matam, matam sem motivo, matam para ganhar dinheiro [...]. (MELO, 2009, p. 182-183).

Essas revelações agiram como uma bomba em Máiquel, perturbando seus pensamentos e suas ações. Érica é uma personagem que demonstra o descentramento identitário do narrador, e algumas de suas falas descrevem as posições identitárias assumidas por Máiquel, mostrando as transformações que este assume ao longo da narrativa. Um episódio em que podemos perceber tal fato é o da negação, por parte de Érica, em comparecer ao evento de entrega do prêmio, uma vez que se recusa acompanhar Máiquel e o compara com animais treinados:

Você pode perguntar para qualquer policial, ela disse, desses que treinam cachorros, diga a eles, eu tenho um cãozinho que é um idiota, não late, não morde, o que eu faço? Bem, eles vão dizer, coloque este cãozinho inútil em matilha, matilha é essa merda que vai juntando, e vai crescendo, e vai quebrando vidros, e dando porrada no adversário, e arrebrandando vitrines, e saqueando, e estuprando. Foi isso que aconteceu com você, ela disse, e é por isso que você vai ganhar essa medalha. Eles estão orgulhosos porque ensinaram isso, o ódio, a lama, e sabe por quê? Não é porque você é um leão, não é nada disso. É porque o ódio você sente igual aqueles caras que vão estar lá no baile e que se deram bem na vida consertando coisas quebradas, vendendo, alugando, plantando, construindo, operando, comprando, roubando, administrando, mentindo e te contratando, e é por isso que você vai ganhar a medalha, ela disse [...]. (MELO, 2009, p.194).

Com as atitudes tomadas por Máiquel em relação a esses pensamentos, Érica o abandona. Em virtude a e esse episódio, percebe-se que a “carreira” de Máiquel entra em declínio. A ausência da moça influencia na virada da vida do narrador. Parece que tudo fica de cabeça para baixo, e ele transita da posição “benfeitor” para a de “bandido justiceiro”. Quando passa a ser procurado da polícia, devido ao assassinato de Cledir, o Dr. Carvalho rompe sua sociedade. A amizade se desfaz quando o dentista vem a saber que sua filha se tornou uma viciada em cocaína graças a Máiquel. Em razão disso o moço possui mais um motivo para ser “descartado” como um objeto que não serve mais.

Máiquel lutou para ter seu reconhecimento, não queria ser mais apenas homem em meio à multidão, desejava ser útil. Sentimento temporariamente conquistado quando o narrador acredita pertencer ao mesmo patamar social que seus benfeitores “[...] eu estava em tudo aquilo, em tudo, eu estava ali, eu pertencia àquilo e por isto e não por outro motivo eu me sentia merecedor daquela medalha [...]. (MELO, 2009, p. 195)”. De acordo com Bauman (2005), o indivíduo pós-moderno se encontra em busca constante por suas identidades perdidas com o intuito de pertencer a algum lugar, visto que, este se sente deslocado em relação à sociedade. Percebemos por intermédio do seu discurso a necessidade de pertencimento e o anseio de ser igual ao outro para suprir esse desejo.

Em decorrência da transitoriedade da contemporaneidade, o indivíduo tem se descentrado dos seus parâmetros bases, visto que, esses já não são fixos, com isso a identidade de Máiquel não é sólida, se descentrando a cada novo crime. Alguém que busca achar um lugar ao qual pertença, acreditando ser um homem cinza, mais um sem utilidade para a sociedade. Diz o narrador:

[...] eu não queria ser assim. Queria ser que nem esses caras que andam com plástico no carro Eu acredito em duendes, o Pato Donald sorrindo, a Margarida sorrindo, Disneylândia, Eu amo Nova York, Eu amo Ribeirão Preto, esses caras que a gente vê por aí em portas de churrascarias. Mas eu não sou assim, se eu coloco uma blusa amarela, não dá certo, é feio, não combina. Eu não combino com amarelo, com vermelho, eu sou um homem cinza [...]. (MELO, 2009, p.92).

Essas representações vão se unindo para formar um todo da personagem Máiquel. Mas esse todo nunca é atingido, uma vez que esse narrador está sempre em processo de desagregação Essa perspectiva se enquadra nas concepções de Bauman a respeito da identidade como um “quebra-cabeça”, na qual as partes se unem para tentar

formar um todo que nunca é atingido. São várias as identidades acopladas para formar uma maior. É o Máiquel, o protetor do bairro, o marido e o pai da filha de Cledir, o cara de confiança dos empresários e advogados e o responsável por Érica, após a morte de Suel.

Ao final da narrativa, Máiquel é preso após assassinar um menino que andava de skate, durante um devaneio sofrido com efeito de drogas e da raiva que sentia depois da briga com o Dr. Carvalho. Nesse momento o jovem se dá conta do que havia se transformado, ainda mais quando o delegado Santana tenta matá-lo na prisão, como fez com seu amigo Marcão. Ele reconhece que se tornou um mosaico identitário disforme, refugo descartável, culminando na sua dolorosa percepção de que nada mais era do que um simples revólver dos bem afortunados que não hesitam um instante qualquer em desprezá-lo e condená-lo a lata de lixo da sociedade:

De repente, eu tinha entendido tudo, aquela história, o lado de cá e o lado de lá, já falei sobre isso, mas foi o crioulo que faz a verdade cair sobre a minha cabeça. Eu era o revólver dessas caras. A paz. Eles têm que ter um revólver porque todo mundo quer roubar o videolaser deles. A Miami deles. O estupro das filhas deles. O medo deles. A segurança deles. Eles não têm paz, eles dizem isso toda hora, não temos paz. Eu era o matador, era isso. Paz. Agora que a merda estava fedendo, eles estavam querendo jogar o revólver no rio, queriam acabar com as provas. Usar e jogar fora, como a gente vê escrito nas embalagens [...]. (MELO, 1009, p. 228).

Na última cena encontramos um “novo” Máiquel, foragido e acuado, que após empurrar o amigo fora do carro, segue sozinho a procura de uma nova vida e de uma nova identidade : “[...] queria deixar tudo para trás, ir em frente até encontrar um buraco e me meter nele, no buraco, me esconder, no buraco, até o frio acabar, até chegar a hora de sair. (MELO, 2009, p. 239)”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...].

Stuart Hall

Em decorrência do mundo globalizado, novos padrões têm sido estabelecidos e o indivíduo contemporâneo acabou por vivenciar uma busca incessante pelos referenciais que a modernidade líquida implodiu. Nesse sentido, o estabelecimento de uma identidade única e centrada acabou se revelando uma tentativa fadada ao fracasso, visto que, os referenciais perderam a nitidez e se transformam constantemente em virtude da transitoriedade imposta pela era do capitalismo multinacional, considerada por Bauman (1999) com uma “nova desordem mundial”.

Um dos seus efeitos dessa “desordem mundial” é o embaralhamento das fronteiras espaço-temporais, possibilitando ao indivíduo a sensação de alcance a tudo em tempo real, e com isso “[...] os delimitadores de espaço deixam de importar, pelo menos para aqueles cujas ações podem se mover na velocidade da mensagem eletrônica [...]” (BAUMAN, 1999, p.20). A “nova velocidade” da contemporaneidade permite ao indivíduo múltiplas posturas identitárias, havendo a necessidade de “capturá-las em pleno voo”. Essas várias identidades assumidas é o que compõe o indivíduo fragmentado dos moldes pós-modernos assegurado por Hall (2006), uma vez que não possui

[...] uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpolados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...] o sujeito assume identidades diferente em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2006, p. 12-13).

Assim, na análise do romance *O Matador*, encontramos personagens confusas em meio à transitoriedade da sociedade contemporânea. Sem parâmetros fixos, essas personas (MAFFESOLI, 2004) buscam por suas identidades e referenciais. Vivem em meio ao caos, as angústias e as influências dos meios midiáticos a instigarem o desejo do consumo nas metrópoles assoladas pelas várias formas de violência gestadas a partir dessa conjuntura. O personagem central da trama de Patrícia Melo, Máiquel, tem a sua

subjetividade construída/destruída ao longo da narrativa, influenciada por suas atitudes e pelas pessoas que atravessam o seu caminho.

A construção das múltiplas subjetividades de Máiquel perpassa por um jovem simples, do subúrbio de São Paulo, até culminar em um foragido da polícia, sozinho em busca de uma nova identidade e tentando organizar seu caos interior. Sua fragmentação é refletida em seu discurso, abarrotado de verbos de ação conjugados no presente, narração feita também com cortes abruptos e sobreposição de discursos que atravessam sua voz, indicando a transitoriedade e a instantaneidade que tão bem caracterizam o contemporâneo.

Ao longo da narrativa percebemos às várias posturas identitárias assumidas pelo narrador-personagem, e suas incompletudes interiores que o martirizam constantemente. Enquanto “justiceiro”, identidade atribuída pela sociedade após o assassinado de Suel, recebe presentes como forma de agradecimento e reconhecimento, mas a cena do crime não sai de sua mente, torturando-o. Como “benfeitor”, ganha proteção e amparo de pessoas abastadas da sociedade, se torna o “revólver” daqueles que desejam tirar o “lixo” desse *apartheid* social sem sujar as mãos, o que o leva a ser descartado assim que perde sua utilidade.

Por fim, percebemos em Máiquel um indivíduo com a subjetividade cindida, descentrado em meio ao social que se transita; uma subjetividade repleta de moldes fragmentados que a envolve. Máiquel assume múltiplas identidades, como convêm as suas necessidades, e as influências do momento em que seus atos se desenvolvem longo da narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; ed., 1999.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo horizonte: Ed. UFMG, 1998 .

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*: São Paulo, Perspectiva, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/business-directory/6736/difference/>. Acesso em: 24/08/2015

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a pós-modernidade – O lugar faz o elo*. Rio de Janeiro. Atlântica. 2004.

MELO, Patrícia. *O Matador*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

OTTONI, Paulo. A tradução da différence: dupla tradução e double bind. In__ *Alfa n. 44*, p. 45-58, São Paulo, 2000.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.